

Ingleses no Brasil: imaginário, representações e as diferentes configurações sociais da presença britânica no Brasil do século XIX

Ana Maria Rufino Gillies

Estudios del ISHiR, 10, 2014, pp. 23-38. ISSN 2250-4397

Investigaciones Socio Históricas Regionales, Unidad Ejecutora en Red – CONICET

<http://revista.ishir-conicet.gov.ar/ojs/index.php/revistaSHIR>

Dossier

Ingleses no Brasil: imaginário, representações e as diferentes configurações sociais da presença britânica no Brasil do século XIX

Ana Maria Rufino Gillies (UNICENTRO, Brasil)

Resumo

Este texto apresenta o resultado parcial de uma pesquisa orientada pelo objetivo de verificar se em outras regiões do Brasil, além das províncias do Paraná, Santa Catarina e São Paulo, havia colônias agrícolas com a presença de imigrantes britânicos. Geralmente, há uma imagem muito específico de indivíduos britânicos no imaginário social brasileiro, em parte construída por si, mas também preservado por uma historiografia que tendiam a discutir personagens que desempenharam um papel visível na política, na economia, a produção de conhecimento etc., nunca trazer à luz, até muito recentemente, e ainda causa surpresa, a presença de homens ingleses mais humildes e as mulheres, em particular na condição de imigrantes. Portanto, orientada pelos conceitos de representação, identidade, memória e imaginário, a discussão apresenta uma síntese dos artigos selecionados sobre o tema publicados nos últimos 10 a 15 anos.

Palavras chave: ingleses no Brasil; historiografia; representação; imaginário

Resumen

Este texto presenta los resultados parciales de un estudio guiado por el objetivo de verificar si en otras regiones de Brasil, así como de las provincias de Paraná, Santa Catarina y Sao Paulo se formaron colonias agrícolas con la presencia de inmigrantes británicos. Por lo general, en el imaginario social brasileño, el inglés corresponde a una determinada imagen, construida por ellos y, en cierta medida verificada por la historiografía que tendía a contemplar personajes que han desempeñado un papel destacado en la política, la economía, la producción de conocimientos, etc., y, hasta hace muy poco, relegado casi al olvido, e incluso provocando sorpresa, la presencia del Inglés más humildes y las mujeres, especialmente en la condición de inmigrantes. En este sentido, la discusión, es guiada por los conceptos teóricos de representación, identidad, memoria e imaginación y se presenta como una síntesis de artículos publicados en los últimos 10 a 15 años.

Palabras claves: ingleses en Brasil; historiografía; representaciones; imaginario

Abstract

This text presents the partial result of a research guided by the objective of verifying if in other regions of Brazil, apart from the provinces of Paraná, Santa Catarina and São Paulo, there were agricultural colonies with the presence of British immigrants. Usually, there is a very specific image of British individuals in the Brazilian social imaginary. It is in part constructed by themselves but also preserved by a historiography that tended to discuss characters that played a visible role in politics, economy, the production of knowledge etc., never bringing to light, until quite recently, and still causing surprise, the presence of more humble English men and women, particularly in the condition of immigrants. Therefore, oriented by the concepts of representation, identity, memory and imaginary, the discussion presents a synthesis of selected articles published on the subject in the last 10 to 15 years.

Keywords: englishman in Brazil; historiography; representation; imaginary

“Estão em toda parte, esses ingleses!”, escrevia Eça de Queiroz nos fins do século passado. Parecia-lhe mesmo que o mundo ia se tonando melancólica e monotonamente inglês: *“Porque por mais desconhecida e inédita que seja a aldeola onde se penetra, por mais perdido que se ache num obscuro canto do Universo o regato ao longo do qual se caminhe, encontra-se sempre um inglês, um vestígio de ingleses!”*... (FREYRE, 1948, p.36).

No imaginário social brasileiro do século XIX, ao *inglês* corresponde certa imagem, construída a partir da conduta de personagens e indivíduos que exerceram determinados papéis na política, na economia e na produção de conhecimento. Em alguns contextos, essa imagem foi alimentada por eles mesmos através de estratégias de representação de si (GUENTHER, 2004).

A literatura de diversos gêneros contribuiu para preservar o ‘mito’ até os dias atuais, de acordo com o qual, os ingleses destacam-se pela pontualidade, polidez, um senso de humor muito próprio, o gosto por alguns esportes ao ar livre, usualmente praticados no *country club*¹, e o hábito de tomar o chá das cinco e inúmeras outras práticas e condutas cotidianas (FREYRE, 1948).

Tais práticas foram emuladas pelas elites oitocentistas, bem aos moldes do que Norbert Elias (1994) caracterizou como processo civilizador deflagrado, entre outros modos, através da configuração colonizador-colonizado.

De fato, como explica Leslie Bethell (2009), durante todo o período do Império no Brasil, a Inglaterra, ou, para ser mais preciso, a Grã-Bretanha, “era o país estrangeiro de maior importância para a economia, a política e também, em menor grau, para a sociedade e a cultura brasileira”, exercendo um predomínio que Bethell aponta como tendo sido iniciado com a vinda da Corte portuguesa em 1808, mas há autores que o perceberam em relações e acordos estabelecidas entre Portugal e Inglaterra séculos antes.

Conforme Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke,

As múltiplas realizações inglesas desde o final do século XVI – monarquia constitucional, liberdade de crença, liberdade de expressão, poder industrial, comercial e imperial etc. – haviam gerado, a partir do século XVIII, o fenômeno da anglofilia que se difundiria enormemente pela Europa e pelas Américas e, com ela, o “desejo de naturalizar em vários outros lugares o que era visto como instituições e liberdades invejáveis (BURKE, 2005, p. 36).

Se, por um lado, os ingleses de fato exerceram fascínio, atração, por outro é preciso chamar a atenção para o fato de que o Brasil não recebeu ingleses de um tipo só; não apenas diplomatas e grandes investidores, no comércio, nos serviços de transporte ferroviário e de bondes, navegação, energia elétrica, bancos, seguradoras; mas também leiloeiros e prestadores de serviços nos

¹ Ver, por exemplo, o Clube dos ingleses de Santos, SP in: <http://novomilenio.inf.br/santos/h0171c.htm>, e o The British Country Club de Recife, Pernambuco, in: www.countryclub.org.br.

meios urbanos, professoras/preceptoras/governantas, cientistas, viajantes, operários, mineiros, e, menos conhecidos, imigrantes.

Este texto, que se insere em pesquisas mais amplas sobre o contexto do Brasil imperial particularizando imigrantes britânicos no Paraná, foi construído a partir do interesse em investigar se as mesmas configurações foram formadas em outras regiões do país onde eles estiveram presentes.

Entre as configurações sociais menos conhecidas, destaco a descoberta casual, no ano 2000, da presença de imigrantes britânicos na província do Paraná. Até então o que se conhecia estava circunscrito às relações estabelecidas no Brasil a partir da vinda da família real em 1808, escoltada por navios ingleses, em relação a cujo evento os livros escolares destacam a questão da abertura dos portos “às nações amigas” e a preeminência inglesa em inúmeras esferas da vida pública e da vida privada, não apenas no Brasil como em toda a América do Sul (GRAHAM, 1968; MANCHESTER, 1973). Isto é o que se publica na literatura destinada aos estudos básicos sobre história do Brasil. Também figuraram em algumas publicações para o ensino básico a presença de mercenários ingleses e irlandeses durante a Regência. No Paraná, a historiografia destaca a presença do engenheiro Thomas P. Bigg-Wither (1974) que passou três anos em suas florestas e campos, realizando pesquisas e explorações apoiadas pelo Barão de Mauá, entre 1872 e 1875. Ademais, são conhecidos o diário de Maria Graham (1956; 1990) e os escritos de Richard Burton (1941) acerca de sua experiência e de suas viagens aos planaltos do Brasil ao tempo em que foi cônsul em Santos (1976-7). Leslie Bethell, renomado estudioso do tema, cita em seu artigo de 2009, outros autores, uns conhecidos - John Mawe, Henry Koster, John Luccok, outros mais restritos ao conhecimento de poucos leitores, se levarmos em conta a ausência de seus nomes e seus textos em obras de maior alcance.

Um bom medidor dessa restrição é o fato de que, embora o século XIX seja chamado de ‘o século dos ingleses’ e não sejam tão poucas as pesquisas acadêmicas acerca deles, como foi possível constatar a partir da presente pesquisa, após a obra de Gilberto Freyre (1948), nenhuma editora parece ter publicado uma atualização dos estudos sobre os ingleses, nenhum projeto tomando-os como tema orientador tenha reunido pesquisadores em torno da produção de um livro. Outrossim, um tal empreendimento possivelmente não poderia agregar em um só volume os interessantes trabalhos que identificamos e inúmeros outros que talvez viessem à luz, considerando a extensão do Brasil e o fato de que, muito provavelmente, vestígios da presença inglesa possam ser encontrados nos mais recônditos cantos do país. Além disso, ainda existem aspectos dos investimentos e da vida dos ingleses no Brasil em contextos onde não foram de menor importância, mas que estão por merecer algum estudo.

A pesquisa desenvolvida e apresentada neste texto e motivada, inicialmente, pelo interesse em verificar se teria havido mais imigrantes recebidos para compor uma classe de pequenos agricultores como ocorreu no interior das

províncias do Paraná, Santa Catarina e no litoral de São Paulo, foi realizada utilizando-se a ferramenta disponibilizada pela tecnologia, ou seja, palavras-chave colocadas em sites de busca na internet, seguida de uma seleção dos resultados oferecidos, tomando por critério a escolha de textos apresentados em eventos acadêmicos – congressos, simpósios, seminários, encontros, -, e/ou publicados por revistas consagradas, além de teses e dissertações. Os textos selecionados representam, por fim, o *state of the art*, uma vez que foram compostos a partir de pesquisas realizadas nos últimos anos. Ou seja, considerando que o que se pretende é fazer obra historiográfica, o processo de busca, seleção e construção de conhecimento ampliado sobre os ingleses foi pautado por critérios que podem ser “acreditados” pelos pares, pois procurou-se desenvolver uma operação cuidadosa e consciente de que a construção do conhecimento é resultante de uma fabricação coletiva tanto no que concerne aos métodos quanto aos resultados obtidos (CERTEAU, 1979; 2011). Embora estejam indicados nas referências bibliográficas com o objetivo de compartilhar o resultado de nossa pesquisa, não serão comentados os trabalhos que tratam da temática econômica, uma vez que foi dada preferência a discussões de natureza social e cultural.

Não foi, contudo, uma operação fácil, tendo demandado inúmeras horas. Trata-se de tarefa que exige tempo, localizar pesquisas sobre os ingleses, quer os procuremos sob essa denominação ou como “britânicos”, ambas demasiadamente genéricas. Isto significa que é útil possuir um conhecimento prévio de suas atuações e dos lugares onde mais estiveram presentes, onde os vestígios de sua presença e a preservação e utilização desses como símbolos de alguma coisa, os tornam, em muitos casos, em lugares de memória (NORA, 1981), ou espaços simbólicos apropriados para a construção de identidades e de representações de si, como foi possível observar em alguns trabalhos que enfatizam a anglofilia das elites latino-americanas no século dezenove (PALLARES-BURKE, 2005, p. 36-43).

Se os procurarmos na condição de imigrantes, comparados ao que foi escrito sobre alemães, italianos, portugueses e poloneses, por exemplo, são praticamente invisíveis. Um levantamento que realizei na biblioteca da Universidade Federal do Paraná - UFPR em 2005 resultou em 4 ou 5 títulos, sendo que apenas 3 deles abordavam apenas aspectos mais gerais relacionados à economia, política e cultura; os demais celebravam personagens notórios.

No ano 2000, enquanto realizava pesquisas sobre a administração imperial e provincial no acervo do Arquivo Público do Paraná, encontrei uma listagem sobre documentos relativos à imigração e imigrantes, entre os quais, *ingleses*. Surpresa, compartilhei a informação com meu marido, ele mesmo um cidadão britânico vivendo há alguns anos no Paraná e que, como eu, e apesar de possuímos na época um círculo de amigos estrangeiros, entre eles, *ingleses* que, embora juntos frequentássemos ocasiões culturais e sociais organizadas pela Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa local, pelo British Council, pelo

South América & London Bank e mesmo pelo Consulado Britânico de São Paulo, ou mesmo cultivássemos o hábito do *open house* nas manhãs de domingo - jamais havíamos encontrado imigrantes britânicos ou seus descendentes. Intrigado, meu marido deu início a uma pesquisa, acabando por estabelecer contato com uma família, cujos antepassados haviam vindo para o Paraná na condição de imigrantes em 1868. Essa família, que o recebeu com extrema simpatia e cordialidade, compartilhou um diário de Caroline Tamplin, escrito entre os anos de 1880 e 1882 e um caderno de memórias escrito por seu neto, ofereceu mais algumas informações e o colocou em contato com Oliver Marshall, à época pesquisador associado ao *Centre for Brazilian Studies*, da Universidade de Oxford, então sob a direção de Leslie Bethell.

Foi apenas ao terminar o mestrado, sobre temas relativos ao século XIX (GILLIES, 2002), e iniciar a elaboração do projeto para o doutorado no ano de 2005 que me foi sugerido tomar o diário de Caroline Tamplin como documentação central a partir da qual construir a minha tese. Na época da elaboração do projeto, da história dos imigrantes britânicos no Paraná quase nada havia na historiografia local, a qual optara continuamente por celebrar e perpetuar a contribuição das etnias que mais se destacaram e cujas marcas ainda se fazem presentes no Estado, particularmente alemães, poloneses e italianos. Contudo, a partir de 1998 alguns trabalhos passaram a ser publicados em torno do assunto: um de autoria de Roberto Edgar Lamb (1998), cuja pesquisa foi ampliada resultando em tese em 2003 e o outro, uma introdução que Magnus R.M.Pereira escreveu para a apresentação de um relatório apresentado às Casas do Parlamento em Londres no ano de 1875 (1998), sobre as queixas de imigrantes britânicos que viviam em uma colônia agrícola do Paraná. No ano de 2005, Oliver Marshall publicou sua pesquisa “*English, Irish and Irish-American Pioneer Settlers in Nineteenth-Century Brazil*”, sobre imigrantes britânicos estabelecidos no Paraná, São Paulo e Santa Catarina e enviou-me a obra recém concluída por Louise Guenther (2004), sobre “*British Merchants in nineteenth-century Brazil: business, culture and identity in Bahia, 1808-1850*”.

Levantamentos mais recentes demonstram que existem pesquisadores interessados em reunir, discutir, problematizar vestígios da presença britânica no Brasil; no entanto, a divulgação não tem alcançado todos os leitores que possam estar interessados. Um exemplo disto foi o Simpósio Internacional: Diplomacia, Economia e Cultura – A história da presença britânica na Bahia, realizado em 2008, realizado sob o patrocínio da Sociedade da Igreja de São Jorge e do Cemitério dos Ingleses em Salvador, e que contou com a apresentação de cerca de 20 palestrantes! os quais abordaram temas que indicam o interesse na preservação, quiçá, a reconstrução, a manutenção de uma certa representação do significado de Ingleses e Inglaterra.

Os estudos selecionados pela presente pesquisa tratam das influências inglesas na literatura, arquitetura, urbanismo; de viajantes; de cientistas na

Amazônia; dos cemitérios protestantes; do padrão e volume dos investimentos britânicos entre os anos de 1850 a 1950; da aquisição e do cotidiano em mineradoras auríferas em Minas Gerais; de negociantes na Bahia e imigrantes no Paraná. A referência à obra de Gilberto Freyre, sua metodologia e a documentação que utilizou, é uma constante na maioria dos textos, pelo pioneirismo e pela atualidade da abordagem que fez ultrapassando os limites então habituais dos estudos dessa natureza e interessando-se não só pelos *grandes personagens*, mas também pelos menores, assim como pelos pequenos detalhes.

Os ingleses no Brasil, na obra de Gilberto Freyre

Gilberto Freyre é apontado como um anglófilo. Na verdade, mais que isto, foi descrito como ‘dois’, o pernambucano de Apipucos e o inglês que, mesmo no calor do Recife tropical mais parecia um coronel inglês a serviço de Sua Real Majestade, a Rainha, vestido com seu paletó de tweed e portando uma bengala. Isto se explica tanto pela anglofilia que predominava em toda a América Latina, como até mesmo pelas leituras que fizeram parte da sua formação intelectual, lendo, desde a adolescência “senão autores ingleses, ensaístas ingleses, filósofos ingleses, cientistas ingleses, poetas ingleses, romancistas ingleses, viajantes ingleses” e “não só autores clássicos e consagrados, mas também os chamados autores secundários” (PALLARES-BURKE, 2003, p. 84). Vai longe a lista de autores lidos por Freyre e analisados por Maria Lúcia G. Pallares-Burke, com os quais Freyre dialoga, e que são fundamentais para contextualizar e compreender seu pensamento e sua obra.

Na introdução de *Ingleses no Brasil*, Freyre explica que há anos pensava em escrever alguma coisa sobre a influência dos ingleses no Brasil, melhor dizendo, de britânicos, e há anos colhia material. De repente, acolhido pelo receio de que um aventureiro lhe arrebatasse da mão essa tarefa tão namorada e, assombrado pela quantidade de documentos coletados, predominantemente em arquivos do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco, resolveu concretizá-la. Quanto à ausência de São Paulo ele explica que a influência inglesa naquela província acentuou-se já no fim do Segundo Reinado e no começo da República, quando principiava a minguar na maior parte do Brasil (FREYRE, p. 46).

Aqui abrimos uma brecha para comentar o fato estranho de, apesar de nossas inúmeras buscas, não termos obtido sucesso em localizar pesquisas desenvolvidas a partir de acervos, contextos e situações originadas naquele estado, com exceção à *vila inglesa* no município de Paranapiacaba, referido como uma Londres em miniatura (<http://www.folhadaregiao.com.br/Materia.php?id=325445>). Segundo o arquiteto Lizandro de Melo Franco, cuja pesquisa foi arrolada para o presente texto, na cidade de São Paulo “bairros inteiros com ruas mais largas e casarões entre amplos jardins europeizados foram concebidos por arquitetos e urbanistas

ingleses que, em menor escala, atuaram também em Juiz de Fora”, Minas Gerais.

Baseado em vasta documentação, particularmente documentos oficiais, correspondências, relatórios e anúncios de jornais, Freyre destacou que os documentos revelavam ingleses condicionados, em suas personalidades, por uma situação social comum: a de súditos de S.M. Britânica, isto é, de um poder nítida, e, às vezes, arrogantemente imperial em suas relações com o Brasil do século XIX; mas também condicionados por situações sociais particulares (FREYRE, 1948, p. 30).

Assim, cuidando em admitir influências brasileiras sobre a cultura dos ingleses, ele explicou que procurou estudar o processo de dominação da cultura brasileira pela britânica não apenas através das atitudes de grandes homens, mas igualmente a de piratas, técnicos, aventureiros, negociantes, missionários, cônsules, professores, todos eles considerados como agentes ou transmissores de valores. Entretanto, não deixa de registrar as críticas contidas nos depoimentos de James Wells, engenheiro da mesma geração de Thomas Bigg-Wither e que, como este, e como Richard Burton, expressou-se desfavoravelmente a “ingleses de classe baixa” explicando que seus muitos anos de experiência no Brasil convenceram-no do “nenhum valor” dessa gente num meio tropical, pois “ainda que bem tratados pelos trabalhadores brasileiros assumiam ares superiores e arrogantes, dissipavam o muito dinheiro que ganhavam, tornavam-se não só bêbados inveterados como operários em quem os chefes não podiam confiar” (FREYRE, p. 99-100). Porém, se eram assim percebidos por seus conterrâneos de classes mais altas, aqui, perante uma população pobre e, principalmente, diante da enorme massa escrava, uns se elevaram socialmente, mudando de *status*, ajudados pelo fato de serem homens brancos, louros, súditos do mais poderoso monarca do mundo.

Pequena síntese das pesquisas identificadas pelo presente levantamento

Segundo Rafael de Freitas e Souza, a presença dos ingleses em Minas Gerais vem sendo estudada por inúmeros autores, que tem particularizado os investimentos britânicos na mineração aurífera, entre os quais ele cita os trabalhos de Yonne de Souza Grossi (1981), Douglas Cole Libby (1984), Marshall Eakin (1989) e Tania Maria Ferreira de Souza. No texto ora arrolado, Freitas e Souza analisa a divisão e as condições do trabalho, a complexidade das tecnologias empregadas, o processo de extração e purificação do ouro, o cotidiano e o imaginário dos mineiros acerca de sua ocupação, seus temores, angústias, incertezas e suas crenças, ou seja, a temática das interações culturais havidas entre os diferentes atores sociais que conviveram nas localidades mineiras.

O historiador e pesquisador, que atualmente desenvolve pesquisa na área de patrimônio documental e memória da Zona da Mata mineira, Fábio Adriano

Hering, analisa em seu artigo sobre os viajantes ingleses e a representação do Brasil, como os dados geográficos e sociais coletados sobre o contexto da mineração e posteriormente divulgados obedeciam à preocupação subliminar com a ordenação e a racionalização do espaço pelos membros do império britânico, efetivando a conquista real e simbólica do território colonial por meio de um exemplo. Nesse sentido, ele comenta como se tornou lugar comum da historiografia sobre o império britânico aproximá-lo do império romano e como as imagens do império antigo povoaram a retórica moderna, principalmente no período romano, sendo usadas ativamente pelos britânicos.

Expressando sua preocupação com a precariedade dos mapeamentos da presença inglesa e da falta de percepção de seus desdobramentos na arquitetura industrial e no urbanismo locais como consequência dos investimentos que fizeram na atividade mineradora, o arquiteto Lizando Melo Franco analisa traços e vestígios das edificações de instalações para extração mineral, siderurgia e apoio da *Saint John Del Rey Mining Company* em Nova Lima, na região metropolitana de Belo Horizonte. Em seu estudo, além da bibliografia produzida pelos relatos de viajantes, fontes documentais e iconográficas, ele realizou coleta de depoimentos verbais de descendentes de ingleses, orientado pela ideia de que fazer o estudo teórico e histórico da arquitetura possibilita a identificação das “origens arquetípicas, as representações e as concepções mais fundamentais daqueles que a construíram”. Dessa forma, observa-se a participação da arquitetura na “história das significações existenciais”, o espaço vivido no espaço construído, transformando-se num signo do homem e do seu tempo.

Tomando o espaço do vivido como objeto de sua pesquisa, Maria Marta dos Santos Camisassa, arquiteta e doutora em teoria e história da arquitetura, procurou averiguar a introdução e adequação de ideias estrangeiras no Brasil no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, nas formas de morar das classes em ascensão na época, no Rio de Janeiro. Para tanto, identificou coleções e publicações francesas e inglesas, a que tiveram acesso profissionais e interessados em geral, nas bibliotecas brasileiras e nas suas viagens ao exterior e que lograram formar uma mentalidade comum nos mais remotos cantões do mundo, nas metrópoles e nas colônias. Além disso, destaca o papel dos imigrantes que, chegando aos milhares, traziam em sua bagagem informações e experiências sobre novos padrões culturais e edílicos. No caso do Rio de Janeiro, além da influência na arquitetura doméstica, a pesquisadora tomou como recorte geográfico uma área de expansão urbana, qual seja o bairro do Flamengo e a região do Botafogo na direção de Laranjeiras.

Analisando textos literários, Sandra Guardini T. Vasconcelos, doutora em teoria literária e literatura comparada e pós-doutora pelas Universidades inglesas de Cambridge e de Manchester, observa que, embora não tivesse deixado de aproveitar as novidades que a indústria inglesa havia colocado à sua disposição, assim como adotar certos hábitos introduzidos por eles e

considerados civilizados, a elite brasileira teria chegado a nutrir um olhar, nem sempre lisonjeiro aos ingleses. Isto teria se manifestado na produção literária de personagens criados ora empregando estereótipos como a mesquinha, a avaria e a embriaguez para caracterizá-los, ora apelidando de *ingleses* a credores como sendo “uma raça desapiedada que nos persegue por toda parte”. Ela menciona ainda que nem Maria Graham poupou suas críticas a alguns de seus compatriotas, que estariam mais interessados no dinheiro que nas coisas do espírito.

Os lugares para descansar, qual seja, os cemitérios, têm se efetivado como espaço que ocupa cada vez mais o interesse de pesquisadores, principalmente no que concerne à questão religiosa deflagrada com a vinda de não católicos para o Brasil, aqui particularizando os ingleses a partir de 1808. Nesse sentido, Olga Maíra Figueiredo discute o caráter simbólico e os significados do *British Burial Ground*, mais conhecido como o Cemitério dos Ingleses que, inaugurado em 5 de janeiro de 1811, constituiu-se como o primeiro cemitério não católico, restrito, particular e ao ar livre da cidade. Inicialmente, esse espaço, que possuía um caráter de exclusividade dedicada apenas aos súditos ingleses, passou a receber protestantes de diversas nacionalidades e de diversos credos. Contudo, segundo a autora, o cemitério impõe critérios de seleção, requisitos referentes a renda e prestígio na sociedade, para o sepultamento na área e conclui que trata-se de manter o *status* social do lugar e alimentar a carga simbólica da necrópole e daqueles nela sepultados.

No Brasil, mais dois Cemitérios Ingleses são conhecidos e preservados, um em Salvador e outro no Recife, ambos fundados em 1814. Já em Santos, acredita-se que inicialmente todos os não católicos eram sepultados nos fundos da Igreja do Valongo, único local disponível para escravos e pobres não associados a alguma irmandade, tendo sido apenas em 1844 que o Sr. Frederico Fomm apresentou um requerimento dos súditos protestantes existentes na cidade santista solicitando permissão para construir, com recursos próprios, um cemitério, a qual foi concedida no mesmo ano, viabilizando a compra do terreno, 8 dias após. Em 1933, os restos mortais sepultados nesse primeiro espaço, foram transferidos para o Cemitério do Paquetá, onde permanecem.

Elizete da Silva, doutora em História pela Universidade de São Paulo, contextualiza a fundação desses espaços no contexto das vantagens obtidas pelos ingleses com a assinatura de Tratados de Aliança e Amizade ao escoltar a Corte portuguesa para o Brasil e explica que em 1810, o artigo 12 do Tratado de Navegação e Comércio garantia ao vassalos de S.M. Britânica residentes nos territórios e domínios portugueses o direito de não serem perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa da sua religião.

Em Salvador, o primeiro cemitério foi organizado através de um abaixo assinado datado de 08/02/1814 em que o cônsul inglês e representantes de negociantes da cidade pediram autorização ao Conde dos Arcos para converter

uma roça, na Barra, em cemitério próprio para sepultarem os vassallos de S.M. Britânica; mas acabaram sepultando também americanos, alemães e judeus. Atualmente, em Salvador, Sabrina Gledhill, pesquisadora da Fundação Pedro Calmon – Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia e autora da dissertação *Afro-Brazilian Studies before 1930: nineteenth century racial attitudes and the work of five scholars* pela Universidade da Califórnia, é apontada como pessoa empenhada na preservação da necrópole, de cujos túmulos ela resgata a história de britânicos que fizeram do Brasil sua nova casa e que passaram a tomar *chá na selva* (aqui utilizando título dado por Gledhill a um de seus textos).

Ainda sobre Salvador, inúmeros outros artigos, acessíveis pela internet, discutem aspectos e personagens bastante interessantes da presença inglesa na Bahia. Entre as pesquisas de fôlego, destacamos a obra de Louise Guenther (2004) em que trata do cotidiano e das formas e estratégias de representação de si postas em ação por um grupo de negociantes ingleses ricos residentes em Salvador entre 1808 e 1850, tendo utilizado como documentação central relatórios e prontuários do médico que atendia a comunidade, Dr. Dundas.

O livro de Louise Guenther, ainda não traduzido para o português mas que tem o sugestivo título de *Mercadores Britânicos no Brasil do Século Dezenove: negócios, cultura, e identidade na Bahia, 1808-50*, trata de economia e política, mas, talvez mais importante, faz uma análise antropológica da dinâmica interna de uma comunidade mercantil britânica, mostrando os mecanismos através dos quais aqueles indivíduos conseguiram sobreviver a uma imersão estrangeira sem perder o *senso de identidade* britânica que lhes permitia sobreviver.

Seu argumento é de que a comunidade britânica da Bahia foi uma construção – social, cultural, e psicológica – com uma história específica. A imagem da comunidade foi consolidada, durante a primeira metade do século dezenove, em um processo lento envolvendo tanto avaliações cuidadosas e calculadas quanto conflitos e redefinições menos conscientes.

O objetivo geral era o sucesso comercial de seus membros e, para alcançá-lo, mulheres britânicas foram trazidas para a Bahia, famílias de identidade britânica foram formadas e opiniões fortes relativamente a uma determinada postura a ser adotada perante os brasileiros foram cultivadas. O concubinato anglo-brasileiro foi aceito ou condenado de acordo com as circunstâncias - enquanto não havia mulheres britânicas e, depois, só quando o homem era um inglês rico e respeitado -, e um acentuado, quase excessivamente britânico jeito de ser caracterizou o comportamento dos expatriados no processo de capturar a imaginação dos brasileiros entre os quais eles viviam.

A aparência de 'comunidade' foi inicialmente teatralizada com o objetivo consciente de fazer os britânicos parecerem mais respeitáveis aos olhos dos brasileiros, e assim melhorar as chances de relações comerciais mais bem sucedidas, bem como criar um ambiente emocional mais seguro para os estrangeiros. Apesar das aparências, diz Louise Guenther, não havia nenhum

grupo de britânicos inerentemente coeso, na Bahia durante a primeira metade do século XIX, mas, com o passar das décadas e com o advento de ideias de modernização, tornou-se cada vez mais útil para os mercadores britânicos e para as elites brasileiras construir e reverenciar a superioridade cultural dos ingleses – de forma que pelo final do século a alta sociedade conscientemente procurava imitar os estilos de vida das classes médias altas do norte da Europa.

As duas principais e mais constantes preocupações dos mercadores britânicos na Bahia foram com sua identidade cultural e com ganhos financeiros pessoais. Isto tomou formas diferentes de acordo com as mudanças no contexto político e econômico ao seu redor. No começo, não fazia nenhuma diferença a seus clientes brasileiros se os britânicos aparentavam ou não ser uma ‘comunidade’, mas por volta de meados do século isto tinha se tornado um aspecto fundamental para a continuidade de seu sucesso e segurança. Evidências sugerem que esse processo não aconteceu sozinho, mas foi até certo ponto uma estratégia deliberada dos mercadores para garantir sua sobrevivência pessoal e comercial em diversos níveis.

Como fizeram isso? Adotaram certa conduta, exerceram o controle das pulsões e das emoções e policiaram corpos e mentes. Obtiveram relativo sucesso, mas à custa de suas saúdes. Louise Guenther estudou os registros do médico da comunidade Dr. Robert Dundas, o qual notou que os homens e mulheres britânicos frequentemente sofriam de severas doenças físicas e emocionais. Ele passou décadas para tentar entender as razões desse fenômeno, concluindo pela presença de razões físicas – hábitos alimentares e de vida -, e psicológicas. Além do stress físico, havia evidência de ansiedade emocional constante.

Os ingleses na Bahia, para o sucesso de seus negócios, tinham que equilibrar-se numa corda bamba por estarem no meio de um fogo cruzado entre os governos brasileiro e britânico. Isso implicava, para eles, entrar num jogo de interesses e manter relações sociais com pessoas mais ou tão poderosas quanto eles. Para tanto, além das estratégias habituais bastante exploradas pela historiografia geral, procuraram fortalecer sua *idéia de identidade britânica* dentro e fora da comunidade. Dentro, preservando seu caráter endógeno, ou seja, bloqueando quanto puderam a penetração de *estranhos* e fortalecendo os hábitos e práticas britânicas; e fora, forjando e apresentando uma determinada conduta e imagem de si. Isto lhes custou, em muitos casos, a saúde, pois o maior diferencial em doença sofrido pelos britânicos na Bahia estava diretamente relacionado à insistência deles em agarrar-se a hábitos de vida que sabiam ser perniciosos. O motivo pelo qual agiam assim tinha a ver com a forma como identificavam, confundindo, identidade nacional com pessoal, e depois a sustentando em um contexto onde quase todos os limites conhecidos, e formas de marcá-los, estavam ausentes. Ou seja, os britânicos sofriam e

expunham-se a um grande desgaste psicológico para manter uma “britanidade”, “superior” e separada, conclui Guenther.

Essa narrativa revela outro aspecto, qual seja o do imaginário social, tanto por parte daqueles que puseram em efeito um comportamento planejado para produzir no imaginário social de uma época certa imagem de si, quanto por parte daqueles que, observando determinados comportamentos formaram uma imagem dos primeiros. No imaginário social da segunda metade do século XIX, e mesmo depois disso, aos *ingleses* corresponde uma imagem específica, destacando um comportamento fleumático, controlado.

Conforme Baczko (1985), é através dos seus imaginários sociais que uma coletividade designa sua identidade, elabora certa percepção de si, estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais, exprime e impõe crenças comuns, constrói uma espécie de código de *bom comportamento*, tornando-se uma das forças reguladoras da vida coletiva. Mais que isso, suas referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais, com os *outros*, amigos e inimigos, aliados e rivais etc. O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício do poder e da autoridade.

Sobre uma comunidade de imigrantes – o caso do Paraná

Entre os anos de 1859-60 foi inaugurada no Paraná uma colônia agrícola subvencionada pelo governo imperial com o nome de Assunguy. Localizada a aproximadamente 100 quilômetros de Curitiba, capital da província, a colônia recebeu imigrantes europeus de várias nacionalidades, os britânicos, chegados a partir de meados de 1860, constituindo, depois que brasileiros também passaram a ser admitidos, o terceiro grupo com maior número de representantes, abaixo apenas dos alemães. Em 1880, por exemplo, na estatística da colônia consta que havia: 2054 brasileiros, 288 alemães, 238 ingleses, 195 franceses, 95 italianos, 76 suíços e 11 espanhóis. Imigrantes de outras nacionalidades compunham, em menor número, a população do local, entre os quais poloneses, suecos e dinamarqueses.

Apesar de sempre ter havido muitas reclamações provenientes de todos os colonos, nenhum grupo parece ter superado os britânicos, cuja ação revoltosa chegou a exigir a presença de força policial na colônia, a contenção dos mesmos na capital e até a intervenção diplomática. Embora evidentes as motivações para a crise e para uma ação tão determinada, ainda especula-se sobre suas possíveis motivações culturais e seu apagamento da memória oficial, apesar de alguns daqueles colonos terem permanecido no Paraná, estabelecido negócios, formado relações sociais e deixado descendentes.

Assunguy possuía terras ditas férteis, mas topografia tão acidentada e íngreme a ponto de reduzir a possibilidade de plantio a milho, feijão, batata e cana-de-açúcar, produção esta difícil de ser comercializada na capital em virtude do

péssimo estado dos caminhos e dos elevados custos do transporte, que se fazia por mulas e era monopolizado por poucos. Tais fatores, associados à precária estrutura local, à insuficiência de verbas imperiais para seu suprimento e melhoramento, e muitas tensões, levaram à sua *emancipação* em 1882, quando passou a chamar-se Cerro Azul, localidade ainda existente e que só foi beneficiada com a conclusão de uma estrada no ano de 2005, ou seja, 145 anos após a sua fundação.

Mas, por que os *ingleses* vieram para o Paraná? Certamente, em resposta à situação em que se encontravam em seus países de origem e, portanto, em busca de uma nova vida. A campanha de imigração, posta em prática pelo governo imperial brasileiro e desenvolvida na Inglaterra, utilizou vários meios como, por exemplo, folhetos nos seguintes termos:

EMIGREM! EMIGREM!

Importante para trabalhadores agrícolas e suas famílias

A passagem de trem para o porto de embarque e o dinheiro da passagem serão adiantados imediatamente a famílias convenientes, desejosas de emigrar para a Colônia Inglesa de Cananea, América do Sul, o pagamento do dinheiro a ser feito ao final de sete anos. Cada membro da família receberá, na chegada, 2s. por dia, juntamente com o uso de ferramentas, sementes, e todo o necessário até que se faça a primeira colheita.

Todos os trabalhadores úteis e desejosos acharão esta uma oportunidade de ouro, pois os números serão limitados e toda facilidade lhes será dada para ajuda-los.

Inscrevam-se imediatamente com Sr. W. E. Yeats

Secretário distrital da União Nacional dos Trabalhadores Agrícolas
Oxford Street, Gloucester.

E, para confirmar, também foi publicada uma:

Notícia emitida pelo cônsul-geral brasileiro em Liverpool.

EMIGRAÇÃO PARA O BRASIL.

O cônsul-geral do Império do Brasil em Liverpool está autorizado por seu governo a promover a emigração para as Colônias do Estado enumeradas abaixo, o custo da passagem sendo adiantado a bons emigrantes agricultores que desejarem fixar sua residência em qualquer uma das ditas Colônias, onde eles receberão todos os favores e vantagens prescritos pela lei Colonial, que é transcrita abaixo...

(MONUMENTA, 1998)

As colônias relacionadas são Blumenau e Príncipe D. Pedro II, em Santa Catarina; Assunguy, no Paraná; Cananea, em São Paulo; Rio Novo Sra. Leopoldina, Espírito Santo, e Mucury, em Minas Gerais. O folheto continha as descrições dos locais selecionados, que não poderiam ser mais paradisíacas.

Assunguy, por exemplo, é descrita como uma área que possuía diamantes, minas de ouro e de chumbo, pastagens naturais para a criação de gado, cavalos, mulas e ovelhas. Lá, continua, poderia ser cultivado trigo, erva-mate em grande abundância, aveia, cevada, cânhamo, linho, batatas, uvas e quase todas as frutas de climas temperados, além de algodão, tabaco, cana-de-açúcar, café e todos os grãos de climas tropicais. Para completar, acrescenta que a localidade compreendia territórios imensos, com um solo de maravilhosa fertilidade, possuindo, além de bom clima, numerosos e convenientes portos, grandes rios navegáveis, grande riqueza mineral, oferecendo ainda a mais abundante riqueza dos reinos animal, vegetal e mineral. Sua única carência, concluía, era de população, para tornar todas aquelas vantagens adequadamente disponíveis, visto possuir o país, à época, apenas um vigésimo do número de pessoas que poderia conter.

As condições encontradas não tendo sido as prometidas, muitos dos colonos chegavam, mas não permaneciam, resultando numa mobilidade constante. Curiosamente, alemães ficavam e muitos residentes em outras colônias pediam para serem admitidos no Assunguy. Alguns dos *ingleses* permaneceram por vários anos, mas também acabaram indo estabelecer-se na capital da província. Foi o caso, por exemplo, das famílias Mason e Tamplin. No caso desta última, quando o Sr. Tamplin faleceu em 1874, sua esposa permaneceu na colônia por mais 6 anos atuando como professora em escola formada em suas terras. Mas em 1880, possivelmente cansada com a dificuldade em receber do governo as *gratificações* que lhe seriam devidas, colocou anúncio no principal periódico da época na província oferecendo seus serviços como professora de inglês, francês, piano, pintura etc. e, acompanhada de 2 filhos menores, mudou-se para Curitiba. Culta e segura de si, conseguiu estabelecer uma sociabilidade com boa parcela de famílias e indivíduos bem postos na sociedade, conforme se pode deduzir das notas descritas em seu diário e nos jornais locais. A leitura de seu diário, aliada a outros documentos, permitiu conhecer as maneiras de pensar e de viver de estrangeiros e de brasileiros na segunda metade do século dezenove. E, mais uma vez, vimos manifestar-se na conduta dessa imigrante notável, Caroline Tamplin, em sua vida pública e em sua vida privada, muitos dos valores, práticas e estratégias de representação de si expressados por *ingleses* circunscritos em outros contextos sociais (GILLIES, 2010; 2013).

Referências bibliográficas

ABREU, Marcelo de Paiva. "British business in Brazil: maturity and demise (1850-1950)". In: **Revista Brasileira de Economia-RBE**, 54(4), 2000, Rio de Janeiro. 383-413, out./dez.. Disponível em www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-714020000004000001.

BACZKO, Bronislaw. "Imaginação Social". In: ROMANO, Ruggiero (org.). **Enciclopedia Einaudi**. Imprensa Nacional; Casa da Moeda, Lisboa, 1985.

BETHELL, Leslie. "A presença no império nos trópicos". In: **ACERVO**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 53-66, jan./jun. 2009.

CAMISASSA, Marta Maria dos Santos. “Os subúrbios do Rio de Janeiro “Belle Époque”: à francesa ou à inglesa?” In: **Seminário de História da cidade e do urbanismo**, SHCU-1990, v. 11, n. 1(2010). Disponível em www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1288/1262.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

DAOU, Ana Maria. “Instrumentos e sinais da civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense” In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. VI (suplemento), p. 867-888, set. 2000.

DIAS, Pollyana D’Avila G. “O século XIX e o neogótico na arquitetura brasileira: um estudo de caracterização”. In: **Revista Ohun**, ano 4, n. 4, p. 100-115, dez. 2008.

ETCHEBÉHÈRE Junior, Lincon; LOPES, Marcelo Tette. “O cemitério dos ingleses da cidade de Santos”, SP. In: **Pesquisa em Debate**, edição especial, 2009. Disponível em eee.pesquisaemdebate.nt/docs/pesquisaEmDebate_especial1/artigo_34.pdf.

FIGUEIREDO, Olga Maria. “O caráter simbólico e significados de uma necrópole inglesa na cidade do Rio de Janeiro”. In: **Espaço e Cultura-UERJ**. Disponível em www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/4952/3658.

FRANCO, Lizandro Melo. **Patrimônio em fuga: os ingleses mineiros nas Minas Gerais**. In: portal.iphan.gov.br/portal/baixarFcdAnexo.do?id=2952.

FREYRE, Gilberto. **Inglese no Brasil. Aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

GILLIES, Ana Maria Rufino. “Uma imigrante britânica no Paraná na segunda metade do século XIX: na escrita de seu diário, memória, história e representação de si”. In: **Revista Diálogos** (Maringá. Online), v. 17, n. 1, p. 227-253, jan.-abr./2013.

_____. **Os ingleses da colônia do Assunguy (1859-1881) sob a perspectiva do processo civilizador: um estudo comparativo com outra comunidade britânica do século XIX**. Texto apresentado ao X Simpósio Internacional Processo Civilizador. Campinas, SP, abr. 2007.

GLEDHILL, Sabrina. **Chá na Selva**. Disponível em www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/cha_na_selva.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante os anos de 1821, 1822 e 1823**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1956.

GRINBERG, Keila. “Liberdade com restrições”. In: **Revista de História**. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/liberdade-com-restricoes>.

GUENTHER, Louise. **British Merchants in nineteenth-century Brazil: business, culture and identity in Bahia, 1808-1850**. England: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, 2004.

HERING, Fabio Adriano. **Os viajantes ingleses e a representação do Brasil: a cartografia do ouro das Minas (1809-1867)**. Trabalho resultado de pesquisa de pós-doutorado PPGH-FAFICH, UFMG. Disponível em www.historiaehistoria.com/materia.cfm?tb=artigos&ID=126 [e 125].

LAMB, Roberto Edgar. **Imigrantes britânicos em terras do império brasileiro: mobilidade, vivência e identidades em colônias agrícolas (1860-1889)**. Tese de Doutorado. PUC, São Paulo, 2003.

MANCHESTER, Alan K. **Preeminência inglesa no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

MARSHALL, Oliver. **English, Irish and Irish-American pioneer settlers in nineteenth-century Brazil**. England: Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, 1973.

MONUMENTA. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

NASCIMENTO, Marcio Silveira. **Memória da cidade: viagens pelos trilhos, o bonde modificando a paisagem amazônica, no período da Belle Époque**. Texto apresentado ao

XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana – SIMPURB, UERJ. Rio de Janeiro, nov. 2013. Disponível em www.simpurb2013.com.br.

NORA, Pierre. **Entre história e memória**. A problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC, vol. 10, n. 10, dez/1993.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. Gilberto Freyre: um nordestino vitoriano. In: **Gilberto Freyre em quatro tempos**. Organização Ethel Volfzon Kosminsky, Claude Lépine, Fernanda Arêas Peixoto. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

PEREIRA, Rosamaria Reo. **A presença inglesa no Brasil e sua influência nas obras de escritores brasileiros do século XIX**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém, 2005. Disponível em www.repositório.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/1728/1/Dissertacao_PresencaInglesaBrasil.pdf.

RELATÓRIO Sobre a Colônia Assunguy apresentado a ambas as casas do Parlamento por Ordem de Sua Majestade. Londres, 1975. **MONUMENTA**. Imigração para o Brasil. Curitiba, PR: Aos Quatro Ventos, 1998.

SAMPAIO, Marcos Guedes Vaz. “Padrão dos investimentos britânicos e a modernização conservadora na economia baiana oitocentista”. In: **Revista Crítica Histórica**, ano I, n. 2, dez. 2010, p. 141-152. Disponível em www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/70/...

SANTOS Junior, Paulo Marreiro. “Manaus da Belle Époque: um cotidiano em tensão. A utopia da modernidade na cidade disciplinar, 1890-1920”. In: **Revista Eletrônica Cadernos de História**. Universidade Federal de Ouro Preto, ano II, n. 01, mar.2007. Disponível em www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria.

SILVA, Elizete da. **Conflitos no campo religioso baiano: protestantes e católicos no século XIX**. In: *Sitientibus*/pdf/21/conflitos-no-campo-religioso-baiano.pdf.

SOUZA, Rafael de Freitas e. **Mineradoras inglesas em Minas Gerais no século XIX**. Disponível em www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2006/download/1-seminario-historia-ichs.ufop (2006)-n54.pdf.

_____. **Trabalho e cotidiano na mineração aurífera inglesa em Minas Gerais: a mina da Passagem de Mariana (1863-1927)**. Tese de Doutorado. USP, São Paulo, 2009. Disponível em www.teses.usp

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. “Leituras inglesas no Brasil oitocentista.” In: **CROP (FFLCH/USP)**, São Paulo, n. 8, p.223-247, 2002. Disponível em 200.144.182-130/revistacrop/images/stories/edicao8/v08a13.pdf.

ZUBARAN, Maria Angélica. “O olhar de uma inglesa-viajante sobre o Brasil Oitocentista: o diário de viagem de Maria Graham (1821-1824).” In: **MÉTIS: história & cultura**, v. 3, n. 5, p. 253-271, jan./jun.2004.

Recibido con pedido de publicación 10/09/2014

Aceptado para publicación 14/10/2014

Versión definitiva 07/11/2014